

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Pedro Lopes

registada em 2009-02-10
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

José Pedro Lopes

José Pedro Lopes nasceu na Mourísia, a um domingo, no dia 6 de Janeiro de 1924, dia de Reis. Os pais, Eduardo Lopes e Maria de Jesus, trabalhavam na agricultura, “cultivavam milho, batatas, feijões, hortaliças e aquilo que cá havia, nessa altura”. O seu trabalho começou ainda novo, logo que conseguiu “pegar numa ferramenta”, o dia começava cedo e regressava a casa já ao alparto. Recorda a casa do avô onde viveu, a sardinha dividida por três, a luz que era “só aquela que saía dos olhos” e da pinha acesa, a água da fonte. Nunca foi à escola porque tinha os pais para ajudar, mas aprendeu a doutrina. O casamento, autorizado pelos irmãos da esposa, que já conhecia da terra, foi “conforme se podia”. Foi um homem dos sete ofícios. Aprendeu sozinho a fazer carvão, que vendia para Coimbra. Vendeu cestas que comprava e que fazia. E chegou ainda a fazer gamelas.

Índice

Identificação José Pedro Lopes.....	4
Ascendência Eduardo Lopes e Maria de Jesus.....	4
Infância "Comecei a trabalhar de novo".....	6
Casa "Era onde calhava".....	7
Religião Seguir a Fé.....	8
Educação "Aprendi por mim".....	9
Namoro "Conforme se podiam safar".....	9
Casamento "Aqui na Mourísia".....	9
Ofício Homem dos sete ofícios.....	10
Lugar A aldeia.....	12
Costumes Uma terra cheia de memórias.....	15
Avaliação "Guardar estas memórias".....	18

Identificação *José Pedro Lopes*



José Pedro Lopes (Arganil, 1974)

Chamo-me Zé Pedro Lopes. Nasci cá na terra, a um domingo, no dia 6 de Janeiro de 1924, dia de Reis.

Ascendência *Eduardo Lopes e Maria de Jesus*

Os meus pais chamavam-se Eduardo Lopes e Maria de Jesus. Eram primos. Andavam na agricultura, naquilo que calhava, naquilo que era preciso e que a gente cá fazia. Cultivavam milho, batatas, feijões, hortaliças e aquilo que cá havia, nessa altura. O meu pai agarrava nesse tempo. Queria erguer-se cedo para ir para o campo, mais cedo que os outros não dessem conta, porque o trabalho chegava para meia dúzia. Às vezes, até ia descalço para não fazer barulho com o calçado. Ganhava-se pouco. O meu pai, que Deus tem, chegou a andar a ganhar 2 tostões a mossar - contou-me ele. Andava a mossar no chão os caroços numa peneda, que dá a volta lá num bocado. Mossava da peneda, que ia mais alta, e era cultivada. Era para cultivarem melhor. Só lhe pagavam 2 tostões por dia. A minha mãe fazia o comer e ajudava na fazenda. Às vezes, vinha a noute, à meia-noute ali à cozinha tratar das coisas para o outro dia. Já se não tinham com sono e enfadados. Faziam cavadas, também, para centeio.



José Pedro Lopes a arrancar batatas (Mourísia)

"Cavadas é bom de saber"



Malha do centeio na Mourísia (José Pedro no centro de chapéu com os filhos)

Cavadas é bom de saber: colhiam giestas, cavavam o terreno e, depois de cavado, queimavam as giestas para tapar a terra. Medrava. Durava aí à volta de dez, 11 anos ou mais, conforme calhava, mas a gente fazia as cavadas de 9 anos. Todos os anos fazíamos uma cavada numa zona. Era dividido isto em

partes. Cavava-se até aqui, dali até aqui, daqui até além ou outra a seguir. Depois, tornava-se ao princípio. Vinham cá pessoas quando era para malhar o centeio. Vinham do lado de Sobral Casegas, dali daquelas terras todas do lado da Malhada Chã. É tanta terra que, só para nomear, demorava um bocado. Vinham e compravam o centeio. Havia tanta procura que quando havia para malhar, ficavam cá para o outro dia para levar já o centeio que se malhava. E assim se fazia aquele trabalho.



Malha do centeio na Mourísia

O avô do lado da minha mãe era Zé Pedro. A minha avó era Maria da Piedade. Eram cá da terra. Ainda comi do comer que eles fizeram e vi-a a trabalhar e tudo. Ia lá para o trabalho fazer o que calhava. A entreter. Do lado do meu sogro, ele era António Francisco, se não há engano. Agora, ela é que não estou assim bem certo do nome. Eles eram daqui, mas já não os conheci.

Infância "*Comecei a trabalhar de novo*"

Comecei a trabalhar de novo, assim que pude pegar numa ferramenta. Ajudava os meus pais, então não ajudava? Era guardar gado, era todas as coisas. Até de roda das videiras! Na altura, entretinha-me. A sachar, entretinha-me mais tempo. Era lá numa fazenda adiante, para o lado de Sobral Gordo. Quando vínhamos à noite, já era de alpartido. Chegava-nos o sono já a andar, enfadados. Quando vinha a andar no caminho, olhava e o caminho assim estreito. Fechava os olhos a dormir, mas não adormecia de todo. Vinha e, chegando àquele sítio mais ou menos, tornava a abrir. Para aproveitar. Comecei a guardar gado assim

que pude. Foi sempre a oito. Ia lá para a fazenda. Às vezes, ia sair lá por cima por onde se vai para o Piódão e cá por baixo, nos lameiros, também.

"Uma ou duas sardinhas davam para um almoço"

Às vezes, uma sardinha dava para dois ou três. Um comia o rabo, outro a cabeça e outro o meio. Ouvi a um que eram lá uns nove e, às vezes, uma sardinha até era dividida por nove. Era só para provar, para tomar o sabor dela. Iam a Côja ou a Avô comprá-la às sardinheiras. Outras vezes, vinham cá às terras, mas era muito raro. Agora, pelo resto, é que deram em vir mais. Era barato, nesse tempo. Agora já custa, já querem 3 euros, 600 escudos daquele tempo. Naquele tempo, era conforme calhava. Fui comprá-las uma vez a Avô. Era da grande. Uma ou duas sardinhas davam para um almoço, para uma dejejua.

"No jogo da cocha"

Para brincar, aproveitava conforme se podia. Era conforme o que apetecia e conforme a vontade e as alturas.

Era no jogo da cocha: fazia-se uma cova no chão, que chamavam o nicho. Depois, andávamos uns contra os outros, com uns paus, para ver se lá iam meter na cova um burro dos pinheiros.

Havia cá muitas crianças, então não havia? No ano em que nasci, nasceram seis. Agora, passam-se anos sem se ver nenhuma. Quem é de criação, vai para Lisboa ou para os outros lados e mesmo agora em Lisboa, é como se sabe. Estragam-nos antes do tempo. É como a fruta antes do tempo. Como é que há-de haver as coisas?

Casa "*Era onde calhava*"

A minha casa de infância era onde calhava. Estive em casa do meu avô. Tínhamos outra noutro lado, mas as mais das vezes estávamos lá. Era mais perto lá em baixo da ponte. Era feita de parede, sem ser rebocado nem nada. Era o que se arranjava. Tinha um quarto e a cozinha. Só e chegava.

Luz, só aquela que saía dos olhos. Para iluminar, era com aquilo que a gente tinha. Era uma pinha. Punham-na acesa de cima de qualquer coisa para se estarem a ver. Para aquecer, ia-se buscar a lenha e queimava-se. Não havia miséria dela. Só se a gente não tivesse tempo para a ir buscar.

Água ia-se buscar à fonte. Estávamos lá perto. Era aí nem 50 metros. Para tomar banho, era conforme se podia. Às vezes, nem tempo para isso tinha. Adormecia a gente e já não tinha alcance para fazer as coisas. Não é como agora. Em apeteendo, vão fazer este serviço e aquele. À gente, naquele tempo, não chegava para o outro resto. Para lavar a roupa, iam à fonte, que estava lá perto, ou noutro lado, onde podiam.

Religião *Seguir a Fé*

A doutrina também era só cá uns aos outros. Aquele que sabia mais é que ensinava. Naquele tempo, não é como agora. Vão de carro ou vão duma maneira ou doutra. Vão mais longe e mais perto.

Em casa costumávamos rezar. Às vezes, mandavam-me rezar o Terço, enquanto eles iam fazendo outro trabalho. A gente tinha que ir aprendendo todas as modas.

O padre de cá era de Meruge. Era dali do lado de Oliveira do Hospital. Esteve cá muito tempo. Foi o que me baptizou.



Baptizado do neto Luís (Almada)

Educação "*Aprendi por mim*"

Nunca fui a uma escola. Tomaram lá os meus pais ter mais para trabalhar. Nem as raparigas deixavam! Podiam, às vezes, variar no caminho. Mas aprendi a assinar sem ninguém me ensinar como é que era escrito e tudo. Aprendi por mim. Olhava para as cartas e via onde estava o nome. Escrevia. Até da minha família, às vezes, escrevia o nome e o nome da terra e de tudo. Mas iam outras crianças à escola. No meu tempo, era na Moura da Serra. Demorava-se uma meia hora, quem podia ir, por uma estrada de bois e outras vezes pelo meio do mato. Faziam os carreiros. Também já houve cá na Mourísia, mas por pouco tempo.

Namoro "*Conforme se podiam safar*"

A minha esposa era de cá. Vivia aqui. Éramos primos. Já éramos família. Não pedi autorização aos pais dela, porque eles já tinham morrido. Tive que a pedir aos irmãos. Tinha alguns cinco. Já morreram dois e ainda estão três. Eles eram seis. Não se importavam. Éramos família. Já nos conhecíamos do ambiente da terra. Conhecíamos quase os defeitos uns dos outros, se eram em condições se não eram. Pedir namoro era conforme a ideia de cada um. Não era como agora que andam à vontade. Era conforme se podiam safar. Não havia tanta liberdade como agora. Nem nos bailes namorava, porque ela não dançava. Nunca aprendeu e os irmãos não a deixavam.

Casamento "*Aqui na Mourísia*"

O casamento foi aqui na Mourísia. Um cunhado meu também se casou nessa altura. Eu fui a um sábado e ele foi na mesma semana, na quinta-feira ou não sei. Tirei a licença da Igreja e veio cá o padre receber, senão tínhamos que ir a Pomares. O fato era mau. Não é como agora que escolhem tudo. Era calças e casaco. Era conforme se podia.

Depois, íamos comer variado de todas as coisas. A família é que fez a comida. Ovelhas e daquilo que calhava. Era mais batatas para comer com a carne, era arroz, tigelada, filhós e aquilo que calhava dumas coisas e doutras... O que podiam fazer e tinham vagar para o fazer.



Casamento do filho António Pedro

Ofício Homem dos sete ofícios

Fiz muito carvão. Para fazer aquilo, fui indo, fui indo até que fiz as coisas como devia a ser. Aprendi. Tenho experiência de muita coisa. Fazia a cova e ajuntava as torgas. Ia indo, ia indo, ia escolhendo até à última. Em vendo que era para queimar, as mais graúdas eram no meio e as mais miúdas eram encostadas à terra, que estava fria, que não lhe pegava tão depressa para aquecer, para queimar. A mais miúda era a última que punha no cimo. Depois quando a cova já estava cheia de carvão, ia botando mais para cima. Demorava mais tempo, era a quantidade maior. Tínhamos uma forquilha, um pau e com essa forquilha ganchávamos as torgas naquilo e mudávamos dum lado para o outro. Depois, a outra agarrava, ia tapando e ia vendo com o pau se estava cozido por dentro ou não.

Havia cá muitos que tinham mestres, mas chegavam a pontos que não o compravam. Diziam que não encontravam quem fizesse tão bem como eu. Havia

um na Moira, que dizia que havia um da Fórnea, que não era capaz de chegar para mim.



José Pedro Lopes (Mourísia, 6 de Fevereiro de 2005)

Depois, carregavam para Coimbra e tudo, daqui. Um avô meu também carregou para Coimbra. Tinha uns machos. Comprou "galérias" ou como é que chamavam.

Uma vez, fui até às Meãs, ali ao pé de Cebola e da Panasqueira. Na Barroca Grande, também passei muita vez. Ia lá vender cestas. Até era Bodelhão nessa altura. Agora é São Francisco de Assis. Umas cestas, fazia-as, outras, comprava-as feitas. Fazia-as da madeira de castanheiro. Depois, é lavrada. Aquece-se a madeira, os rolos num forno, abre-se ao meio, começa-se a abrir peça por peça até chegar ao resto. Também se abre os paus mais delgados aí de 4 anos. Abrem-se ao meio e tira-se a correia para fazer as cestas. Também fiz isso. Aprendi sozinho.

Ainda comecei na paródia para ver se fazia gamelas e ainda fiz qualquer coisa. Uma vez que aqui estavam uns do Enxudro e tinham cá a ferramenta, lá comecei a fazer também. Às vezes, tiravam até três ou quatro da mesma gamela, dos paus dos castanheiros. Daqueles cepos grossos é que faziam as gamelas. Eram grandes! Começavam com as ferramentas do machado, que eram compridos como umas picaretas, a cortar em volta. Davam-lhe o jeito e tiravam uma. Depois, tornavam a tirar outra. Diz que até tiravam netos ou tetranetos dentro daquela roda. Depois, nas gamelas, amassavam o pão e arranjavam as chouriças quando matavam os porcos e tudo.

Lugar *A aldeia*

História de lobos

Aqui, havia muitos lobos. Uma vez, andava lá a guardar as ovelhas. Lá andava com elas no lameiro e pus-me a olhar para o pé duma cerejeira que havia para cima duma peneda. Estava lá um lobo no meio das giestas. Eu vi que era o lobo, abalei, vim à frente das ovelhas, elas viram-me a andar, não foi preciso abalá-las, nem chamá-las. Vim cá para baixo para outro lameiro. Elas abalaram logo atrás de mim.

Outra vez, um cunhado meu andava a guardá-las aqui à frente do povo. Então, não vieram lá para lhe agarrar as ovelhas, umas borregas? Eram dois. Um veio agarrá-la e o outro ficou no cimo à espera para lá ir ajudá-lo. Eles conhecem como é que hão-de fazer, também.

Por outra vez, fui vender umas cestas. Estávamos ali nos Parrozelos. Trabalhava naquilo e fui para o lado de Fajão, para o lado daquelas serras todas em volta. Depois, vim-me embora, à noute. Vim à Cruz da Castanheira para cá e vim por cima, pela serra. Quando vinha lá no caminho "pia aquém"¹, vi as patadas dos lobos. Já ia quase o sol a pôr-se e eu ainda lá na serra sozinho... Muitos estavam lá a lembrar-se que eu vinha-os encontrar no caminho. Eu não me apercebi para que lado é que eles iam. Se era para além se era para cá. Vim para cá. Quando vinha ali em cima a assomar para aqui, já se ia a pôr o sol. O meu pai andava a guardar o gado e os lobos vieram para vir a ele. Ele lá lhes fez espanto e lá se foram embora. Foi quando eles foram lá para onde eu vinha.

Outra vez, andava a roçar mato aqui em cima na assentadazita, onde se vai para a Moura, onde estão os postos na Malhada. Havia lá pinheiros. Agora, já está quase tudo tapado, mas, nessa altura, faziam-se cavadas, estava destapada. Estava enevoado, estava lá o nevoeiro a passar, naquele sítio. Olho para cima, para onde vai a estrada para o Piódão, mesmo encostado à estrada ia lá o lobo para o lado da Moura. Agarro, venho-me embora e já não rocei lá o mato.

¹por aí aquém

Já me aborrecia aquilo

O frio era como agora. Há anos que é pior do que outros. Havia anos que nevava mais, outros anos, menos. Eu já não gostava daquilo. Nasci cá no sítio dela e já me aborrecia aquilo.



José Pedro Lopes na Mourísia

"A minha mãe fazia chás"

Naquele tempo, só aqueles que calhavam é que, às vezes, acorriam a medicamentos. Algum dia é como agora? Agora, mandam lá qualquer coisa, vão logo para aqui ou para ali. Se estivéssemos doentes, uns morriam, outros era conforme calhava. A minha mãe fazia chás. Em todo o lado se fazia.

"Havia cá boas oliveiras"

Havia cá boas oliveiras, mas poucas. Cá, como era mais frio, colhiam mais azeitona miúda, que quase não dá azeite. Mas agora, para o resto, já era quase só azeitona grande. Havia lagares nas Casarias, havia no Sobral Magro, havia no Agroal, em Pomares, em vários lados por ali abaixo. Havia até no Piódão. Quando é na tarefa, que estavam a caldeá-lo, botavam-lhe água quente para escaldar, para apartar uma coisa da outra. Para verem se está na água ou se está só em azeite, agarravam com uma moiteira, que tivesse um ganchozito, para ver onde é que chegava a água. Depois iam vazando. Onde estivesse água para baixo, iam abrindo a torneira para sair a água para ficar mais apertado por baixo o azeite. Mais fundo.

"O castanheiro é da minha família"

O castanheiro é da minha família. Era do meu avô Zé Pedro. Sei lá já quantos anos tem. Já o puseram para verem em todo o lado. Aquilo é oco por dentro. Uma vez, acoitou-se lá um homem, a fumar, botou para lá com certeza o cigarro ou os fósforos e acendeu-se o lume lá dentro. Ficou todo estragado por dentro. Depois, deram conta que andava lá o lume, lá foram. Andava cá um nas estradas que tinha uma mangueirazita e lá foram fazer o apagamento com aquilo. Aquilo deu a volta para um lado para o outro e encaleiraram lá dentro. Está só a casca por fora.

"A roda do carro cortava a peneda"

Primeiro, havia a estrada antiga dali para o Sobral Casegas, "pia diante"² para a Covilhã. iam com os bois carregados com cereais e tudo para Coimbra. Coitados dos bois. Havia rilheiras com uma fundura na peneda! A roda do carro, com aquele ferro, cortava a peneda. Eles iam mais por aquele sítio por causa de ter mais seguimento, que as penedas não são certas.

²por aí adiante

Costumes *Uma terra cheia de memórias*

"A padroeira é a Senhora da Assunção"

Festas, também havia. A primeira vez que veio cá a música, foi à capela. Prepararam aquilo, veio cá a música, fizeram lá um coreto em madeira debaixo e eu fui lá sentar-me. Ficou-me a lembrança como é que era. Lá em baixo é que faziam a festa, a missa e tudo. Faziam procissão. Depois, vinham dar a volta e tornavam ir lá levar os andores. Umás vezes, levavam os santos, outras vezes, levavam só um, conforme. A padroeira é a Senhora da Assunção. Agora, é o terceiro domingo de Agosto que fazem a festa. No meu tempo, era Dia de Santa Cruz.

Uma vez, o meu pai era para servir de mordomo. Ele é que nomeava, mas não queria estar a nomear as coisas, porque não era à vontade de todos. Uns queriam numa altura, outros, noutra. Combinavam uns com os outros quando é que havia de ser. Uns queriam, outros não queriam. Uns queriam naquele dia, outros queriam outro dia diferente...

Lembra-me eu de ir lá com ele. Lá combinaram e foi Dia de Santa Cruz de Maio. O dia 3. Servíramos esse ano. O meu irmão foi buscar o fogo ao Monte Frio. Lá estávamos na paródia, o meu irmão, eu e um outro primo meu para botar uns foguetes ao mesmo tempo.

Nesse dia, era assim tudo à vontade, de qualquer maneira. Era muito "ralo"³ trabalhar. Era como um dia santo.

"No dia de Natal"

No Natal, nem todos davam prendas. Eram poucos. Agora, é que estão a usar já mais isso. No Dia do Natal, íamos à missa à Moira. Até lá havia um padre ou um bispo que era meu primo, o Monsenhor Pereira. Veio aqui para a Moura.

"Quando caía cá abaixo faziam uma festa"

No Dia de São João, ia-se buscar o pinheiro mais alto que houvesse, mas que não fosse muito grosso. Tinha sei lá que metros de altura. Depois, num solheiro

³raro

que ali há por cima da estrada, fazia-se a cova e punha-se o pinheiro estendido "pia fora"⁴. Tinha que ter 1 metro de fundura ou mais. Empalhavam o pinheiro com palha de "centeia", tudo às camadas "pia fora" até ao cimo. Deixavam lá um galho no cimo e penduravam o gato dentro dum cântaro lá no galho com um nagalho. Depois, erguiam o pinheiro e calçavam-no em volta, senão não se aguentava. Calçavam bem aquilo, erguiam-no, botavam-lhe o lume à palha, subia por ali fora. Chegava lá, cortava-lhe o nagalho, até que caía cá abaixo. Quando caía cá abaixo faziam uma festa. Fizéramos aí tanto. Naquele dia de queimar o gato, tudo se ajuntava. Havia cá mais quantidade de pessoa que há agora.

"Não era difícil matar o porco"

O dia da matança do porco era conforme podiam. Não era difícil matar o porco. Até uma pessoa, se quisesse, era capaz de se avir com ele sozinho.

Também já matei. Estava lá um a pé, diz assim:

- "Então, mas como é que você mata o porco?"

Viu-me espetar a faca ao contrário, de lado, atravessado. Mas o homem matou comigo.

Quando é mais pessoas, é pior. Quando uns agarram dum lado e outros do outro, é preciso saber andar coisa. Se estiverem a agarrá-lo na frente, nas orelhas ou por qualquer lado e se o que está de trás no rabo não lhe souber dar o jeito, é capaz de aleijar os outros. Uma vez, está para ir para um lado e depois lá lhe dão o jeito para outro lado, dá a investida e ali pode aleijar as pessoas. Às vezes, até lhe põem uma corda na boca onde tem aquelas presas, os dois dentes que são ainda grandes. A corda segura ali naquelas presas e não sai. Amarram em volta das pernas, de roda da tábuca, por cima, onde se deita e ali está até tirar o sangue.

Depois de o porco morto, é as carquejas para chamuscar. Carquejas ou outra coisa, outro preparo. Raspa-se com umas lajes mais finas, tirava-se o coirato, aquela pele de fora, e fazia-se-lhe a barba com umas facas aguçadas. Depois, fazia-se a separação. Separava-se os presuntos. Primeiro, abria-se, tirava-se-lhe as tripas. Depois, cortava-se assim por entre as pernas, chamava-se-lhe a suã. Depois, esfolava-se-lhe o coirato. Tirava-se aquela carne limpa sem o coirato que era para fazer torresmos. Era mais gostoso que agora. Criado cá era outra coisa. Agora, não é como nessa altura.

⁴por aí a fora

"Enterraram o caixote cheio de oiro"

Havia aqui mouros. No outro tempo, então não havia? Contavam. Uma vez, lá abaixo na Cerdeira, uns de lá tiraram uma caixa num caminho. Fizeram-lhe uma parede e enterraram ali o caixote cheio de oiro. Um ano foi lá a água por aquele valeiro abaixo. Foi preciso taparem o chão e foram cavar terra para encher aquelas covas da água, aquelas faltas. Quando andavam lá a trabalhar naquele caminho, encontraram aquilo. O pessoal que lá andava agarraram, levaram-no para um curral de esterco e lá o enterraram para não estarem a ver. Lá chamaram os que lá andavam a trabalhar. Depois, eles davam-lhe o comer. Iam lá comer e beber e diziam:

- "Toca a comer e beber à saúde do oiro!"

"Ainda fui apoquentado com bruxas"

Eu ainda fui apoquentado com bruxas. Prendiam o gado à gente. Não andavam. Deitavam-se para o chão e não andavam.

"Derreava-lhe o corpo"

Eu andava a guardar o gado. Trazia lá as ovelhas e as cabras. O meu pai mandava-me ir botá-las. Tínhamos aqui em baixo um valeiro. Agarrei, fui lá botá-las e elas estavam bem, sem coisa nenhuma. Andavam tal e qual como se não tivessem nada. Passou um bocadito da loja até acima a um caminhito que lá havia, passaram até um valado que lá tínhamos donde ia a água lá para um outeiro para baixo, começou-me uma a atirar com o cu para o chão, mas só para cima das giesteiras. Porque é que seria aquilo? Derreava-lhe o corpo. E não se avinham, atiravam com o cu para cima das giesteiras. As cabras não iam e as ovelhas iam para onde eu ia. Não lhe fizeram às ovelhas, fizeram-lhe às cabras. Quando vinha aqui a chegar ao cabo de onde vai esta estradita por baixo e a outra por cima, aí nem para diante nem para trás. Agarrei, mandei lá o pessoal dizer ao meu pai para lá ir, por causa delas. Meteram-nas numa loja que lá tinham, foi com as ovelhas para a pastagem. Pastaram, vim de lá para cá, abriu-se à porta às cabras, já foram com elas.

"Nem para trás nem para diante"

Outra vez, vou lá também buscá-las. Nessa altura, só foi uma, mas foi mais perto da torre do sino. Quando vinha aqui, amoitou-se, assentou-se e não andava nem para trás nem para diante. Havia cá mais pessoal que agora e aquilo era como uma feira. Começavam a dizer:

- "Será duma bruxa? Será disto? Será daquilo?"

E a erguer-lhe a pata a ver se coisa. Começa-lhe ali a dizer do enguiço das cabras, das bruxas, que é delas? Disse tudo o que tinha a dizer. Pôs-se a cabra a andar, já não foi preciso mais nada. Depois, tornou a desfazer quem lá estava. Devia lá estar.

"Tinham qualquer defeito"

Os lobisomens, primeiro, vinham dar a volta às terras de noute. Quando os lobisomens vão para sair, qual é a primeira coisa que eles fazem, para começarem? Encontrando, com licença, cagado, se for de ovelha ou se for de cabra ou se for de burros ou de bestas, a primeira coisa que encontrarem, ficam logo com aquele andamento para andar de terra em terra. Eu tenho ouvido dizer que é sete ermidas, que têm que dar volta para se deixarem daquilo. Não sei. Dizem que tem que ser assim. Tinham qualquer defeito. Aí é que nunca descobri essas coisas. Seria de não guardarem respeito nem de orações, nem de coisa nenhuma? Mas se uma pessoa quiser, cura a pessoa. Se tiver uma agulhada, um bicozinho, picar na pessoa e botar sangue fora, fica curado. Mas, se a pessoa apanhar aquele sangue, fica nele o efeito. Contava o meu pai que primeiro havia muito disso. Também podia ser do comer. Não guardar uns certos respetos às coisas. Ele lá um defeito havia!

Avaliação "Guardar estas memórias"

Acho importante guardar estas memórias. Então não acho? Eu, numa noute e num dia, não era capaz de contar tudo. Sempre nestas coisas. É como quem está a desenrolar um fio. Assim era. Já disse muita vez, quando lá estão na televisão, que ainda gostava de ir dizer estas coisas. Em puxando-me uma coisa, lembra-me a outra melhor para explicar.



Nora Fernanda, neto Luís e filho António Pedro (2005)